ANO 12.º — Sabado, 3 de Janeiro de 1920 — Numero 604

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

1919--1920

Na voragem do tempo passou mais um ano, sem que para as instituições republicanas nada se tivesse feito, tendente a impo-las á consideração do país e do estrangeiro.

Como sempre, falâmos com clareza, com desassombro porque não queremos colaborar em perniciosos equivocos nem em situações perigosas, como indubitavelmente é aquela em que nos debatemos ainda, apezar das duras lições do passado.

Está em crise o govêrno. Outra crise provocada pela deficiencia de acção e do indispensavel valor politico, que não existe no gabinete. Outra crise a que deu origem a fórma como teem sido encarados os problemas nacionaes, a começar pelo das subsistencias, agravado hora a hora pela insaciavel ganancia dos homens e pela inércia criminosa das autoridades, impotentes para meter na ordem os verdadeiros causadores da nossa ruína.

Vai para 10 anos que, salvo curtissimos intervalos, tem dominado o democratismo. Estão, portanto, experimentados já todos os seus homens de relêvo, parecendo-nos que não é entregando se nas mãos de incompetentes, de figuras sem valor, e, muitas delas, completamente desconhecidas do país, que este se póde salvar.

Está provado á evidencia que a capacidade governamental faliu por parte do partido democratico. E sendo assim, o que a inconfundivel verdade dos factos aconselharia em qualquer outro país, que não fôsse este malfadado torrão, era a dissolução imediata do Parlamento, a consulta aos colegios eleitoraes e a chamada de gente de outra feição, que se comprometesse a fornecer, pelo menos, para o primeiro gabinete, homens á altura da dificil missão a desempenhar.

Mas não; não se pensa assim.

Tudo se concerta para uma recomposição ou para um novo governo democratico, com Barbosas de Magalhães e outros de igual jaez em intelectualidade, planos e... convicções.

E' que, parafraseando um colega, ideiaes não ha. Principios, afundaram-se. Gritos, só os do odio; agitação, só áquela que é necessaria para devorar.

E está tudo dito.

Films...

Na despedida

Findou, sem deixar saudades, o ano de 1919. Não porque durante ele se désse algum cataclismo cosmico ou as desordens internas, entre os politicos, tivessem atingido assustadoras proporções, como sucede, por exemplo, na Russia onde os homens deixaram de o ser para se transformarem em féras. Mas os açambarcadores! Bastou essa praga, que se enraizou e cresceu entre nós, á vontade, no decorrer dos ultimos 365 dias para que nenhum motivo tenhâmos, para que nenhuma razão subsista capaz de arrancar á maioria do povo português um suspiro pelo passado.

E tanto assim o compreendeu a Naturêsa que não só o despediu, bufando-lhe, como ainda lhe fez *chi-chi* em cima...

De acordo

Segundo o nosso colega *A Montanha*, o Partido Republicano Português, ou o partido democratico —vale o mesmo—deve continuar no Poder porque até hoje ainda não governou!

E com efeito, assim é. O partido democratico ainda não governou—governou-se e tem desgovernado o país.

O que, positivamente, não é uma e a mesma coisa.

Continua a fita

Isto é: continuam os principaes orientadores da opinião a discutir, com acrimonia, o sidonismo. Uma belêsa! Que ainda hade dar bom fruto se qualquer aragem purificadora não vier, antes disso, refrescar o ambiente...

Vejam isto

Dos diarios da capital:

Depois de, em comissão de serviço, visitar as intendencias militares de Espanha, França, Suissa, Belgica, Holanda e Inglaterra, regressou a Lisboa, o coronel snr. Vasconcelos Dias, director da Manutenção Militar, que era esperado pelo sub-director do mesmo estabelecimento e muitos sargentos, cabos e civis do Beato.

O coronel sr. Vasconcelos Dias foi acompanhado pelo capitão da Administração Militar sr. Eduardo Guedes de Carvalho, que tambem regressou a Lisboa.

Pelo que se vê deveu brevemente desaparecer todas as nossas dificuldades e entrar, enfim, a Patria num periodo de desafogo e prosperidade.

De facto, são destas resoluções e medidas que o país necessita, assim como da abnegação e patriotismo dos escolhidos para tanto sacrificio.

Pela moralidade democratica: *Hip, hip, hip—Hurrah!*

Pela isenção dos correligionarios: *Hip, hip, hip—Hurrah!*

Pela Patria e pela Republica: *Hip, hip, hip—Hurrah!*

BODOS

Na fórma dos anos anteriores, o Recreio Artistico e a benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios, fizeram distribuir nos dias de Natal e Ano Novo dois magnificos bodos aos pobres da cidade, que por esse facto continuam a bemdizer do altruismo dos seus generosos bemfeitores.

Todos os louvores são poucos para aureolar os que, com tanta isenção e inspirados apenas no amor dó proximo, se dedicam á prática do bem.

O TEMPO

De verdadeiro temporal o ultimo dia do ano que findou e o primeiro deste em que nos encontrâmos desde quinta feira. Não ha, porêm, noticia de quaesquer desastres, o que se regista com verdadeiro aprazimento.

Um absurdo e uma indignidade

O proposito de venda da Caixa Economica de Aveiro

Um capitalista arrojado, no uso inteligente e legitimo do seu mister, achou que a Caixa Economica de Aveiro seria uma base excelente para a fundação de um banco destinado a explorar os capitaes da região; e de pronto, com a decisão e rapidez que são a alma destes negocios, propôz á direcção daquela instituição a compra de todo o seu activo e passivo, pelos quais oferecia uma quantia avultada, deixando, como é da arte, suspeitar que essa quantia acrescentava, se necessario fôsse, para levar a emprêsa a porto de salvamento.

Em boa hora o fez! Teve logo a fortuna de encontrar dentro da fortaleza bons padrinhos, e entre aqueles mesmos que poderiamos supôr os seus naturais inimigos, esforçados e habeis na defêsa, resolvidos a não se entregar sem rijo combate, e destemidos na peleja.

Não; não aconteceu assim. Pelo contrario, não faltou quem enternecidamente corresse a abraçar o abastado mensageiro e gracioso paladino; por motivos diversos suscitando a ternura, foi apregoado salvador da instituição que ele leal e francamente declarava querer comprar.

No intimo e na indulgencia sorridente do homem de negocios, que tem visto e pesado muita gente, o capitalista feliz não póde deixar de se rir a bom rir, e com razão, da amisade e dedicação dos coadjutores, e sobretudo da docilidade dos seus interpretes e servos.

Houve, todavia, exceções na rendição, e não é sem mágoa que tenho de confessar que a minha não foi tão pronta como devia ser. O nosso tempo atolou-se de tal modo em especulações e negocios, tão frequentemente nos salpicam na sua agitação, que acabamos por não dar pelo enxovalho ao primeiro arremesso e carecemos de um momento de pausa para vermos e compreendermos claramente a injuria.

Quando pela primeira vez me falaram na possibilidade de abrir negociações sobre a dissolução da Caixa Economica de Aveiro, fui tão simplorio na surprêsa que apenas respondi:

— E' uma questão para se considerar.

Não tive aquele desembaraço de um outro acionista que perante o convite para a assembleia geral da Caixa Economica, convocada para ser ouvida sobre uma proposta de trespasse de esta instituição, imediatamente exclamou:

— Voto contra!

— Porquê?—lhe perguntou quem o ouviu.

— Porque ha cousas que não se fizeram para ser vendidas.

Em minha defêsa quero, porêm, alegar que não tardei muito a considerar que a venda da Caixa Economica seria um erro e uma vergonha. Dentro de poucos dias após o conhecimento desses projectos, sabia eu, porque alguem clarissimamente me mostrou, que eles seriam de uma despejada ilegalidade, de todo opostos ao espirito e letra dos estatutos; simultaneamente, outros mais lidos em cifras do que eu me demonstravam que essa venda era economicamente um absurdo. E entretanto, eu mesmo, que não adormecera inteiramente e como acionista tinha obrigação de tomar a peito as respectivas responsabilidades, ia refletindo e chegava á conclusão de que a vendâ da Caixa Economica seria moralmente uma indignidade.

De modo que em bréves audiencias podia tambem responder a quem sobre isso me interrogava:

— Voto contra. Nem que pela Caixa Economica oferecessem dois mil contos eu votaria a sua venda. E' literalmente um caso de consciencia.

Então tinha já compreendido que *ha cousas que não se fizeram para ser vendidas*, e vende-las, quando não foram feitas para isso, é vileza e traição de quem essa indignidade promoveu, ajustou ou consentiu.

Na assembleia geral de 26 de novembro, houve quem não gostasse do uso da palavra *venda* aplicada ao contrato proposto, e até os convites para a reunião lhe chamaram muito dôce e mercantilmente, *trespasse*, doirando assim a pilula para que os doentes a engulissem com menos repugnancia. Mas eu, por mais que procure nos dicionarios, é que não encontro outro termo proprio para esta especie de transação. Isto de transmitir a outro *todo* o activo e passivo de uma associação mediante quantia certa (todo! nem sequer o retrato do fundador deixavam para lembrança)—isto de trocar a dinheiro seja o que fôr, nunca em português se chamou senão vender, e duma venda pura e simples e nada mais se tem tratado.

Compreendo, todavia, a repugnancia. E' que bastou chamar ás cousas pelo seu nome para determinar uma repulsão que não convinha, claro está, aos que se esforçavam por adormece-la, enfeitando o ruinoso cosinhado de modo que não lhe percebessem os pôdres aqueles que tivessem de o engulir. Não contavam, os que nestas ilusões se enlevavam, que isto de consciencia moral não é ainda uma força inteiramente morta, posto que ande devéras enferma; e ás vezes, subitamente, tem seu despertar. Impulsos misteriosos corriam a clamar que a Caixa Economica d'Aveiro não podia ser vendida.

E não póde, realmente. Essa venda não é legal nem moral—o que bastaria para a excluir da discussão;—e nem sequer é economicamente vantajosa.

Em primeiro logar, a Caixa Economica de Aveiro é uma instituição, aliás louvada e admirada em todo o país como brazão da cidade e honra dos que a habitam e sabem servi-la. E' uma instituição destinada a promover a economia nas classes populares e auxiliar o trabalho, facultando o credito a essas mesmas classes; não é um estabelecimento fundado para arrecadar lucros e com eles engordar a algibeira dos grandes ou de quem quer que seja. Não é um balcão de mercantes: é um refugio de necessitados, necessitados sobretudo de protecção.

Ora as instituições não se vendem, não teem preço. Não se vende uma misericordia, não se vende um monte-pio, não se vende uma irmandade, não se vende uma familia, não se vende o direito de socorrer enfermos, nem o direito de amparar a viuvez e a orfandade, nem o direito de prestar culto á divindade, nem o direito de criar os filhos e de sustentar os velhos que nos criaram, nem o direito de proteger o trabalho da gente sã, como acontece com a Caixa Economica de Aveiro. Nada disso é comerciavel, e comercia-lo é uma abjecção. Essas cousas criam-se para ser servidas, e nem sequer pódem morrer onde os homens teem consciencia das suas obrigações sociais; sempre acharão recursos para as manter.

Isto bastava para rejeitar toda e qualquer proposta de alienação da Caixa Economica de Aveiro.

Mas ha mais e por outro modo imperativo: essa venda seria uma infracção monstruosa do espirito e letra dos Estatutos da Caixa.

Com que direito se atrevem os acionistas da Caixa Economica a vender um capital que não é seu, e mais e sobretudo as garantias que esse capital possue e foram acumuladas durante dezenas de anos pela desinteressada paciencia e dedicação dos homens bons que administráram e serviram aquela instituição?!...

Nem acionistas ha; os que vulgarmente usam esse nome e gosam dessa fama, são apenas *socios*, como os Estatutos lhes chamam, por certo intencionalmente, para desde principio afastar a suposição de que a Caixa Economica é uma sociedade mercantil, como qualquer outra, só para fazer dinheiro e distribuir dividendos. Com que direito vão esses membros duma corporação de utilidade e serviço publico transformar em instrumento de usura,—porque, se a venda se fizesse, os acionistas do futuro banco reclamariam dividendos, e quanto maiores melhor e mais louvados, ainda que tirados fôssem da pele dos trabalhadores—com que direito iriamos transformar em instrumento de usura aquilo que foi feito para ser medianeiro de generosidade e caridade?! ..

Esses pseudo-acionistas não entraram com um centávo na sociedade. Não teem lá nada. O dinheiro e mais as suas garantias é todo, e exclusivamente dos depositantes. Os socios são devedores, não são crédores; assinaram *um termo de aceitação de encargo e da responsabilidade que tomam pelas operações da Caixa*. E' assim que os Estatutos dizem. Os socios são devedores, não são crédores. E onde é que se viu o devedor dispôr da fazenda do crédor e fazer seus os lucros, senão onde se cometeram crimes de abuso de confiança, o que afinal seria a acção dos socios se vendessem a Caixa Economica, fosse por que preço fosse e para o que fosse?!...

Nem que os socios se achassem todos, alêm de socios, depositantes da Caixa Economica, nem então poderiam dispôr dela fóra dos termos expressos dos Estatutos, porque estariam numa minoria insignificante; os socios nunca podem ser mais de 100 e os depositantes eram ao fim de 1918 mais de 6:000.

REUNIÃO

Por lapso deixámos de nos referir no ultimo numero á reunião que teve logar a 21 de dezembro, numa das salas da Escola Primaria Superior desta cidade e na qual, pelos paes dos alunos da mesma e encarregados da educação, foi discutida a proposta que um senador apresentou na respectiva câmara, restringindo as garantias concedidas, por lei, aos individuos habilitados com o novo curso, resolvendo-se, por fim, secundar o movimento que contra tal disparate os interessados iniciaram apenas viram a atitude do supracitado legislador.

Como remate, a assembleia, que teve por presidente o sr. Francisco Godinho, secretariado pelos srs. Emidio Gomes Leite e Francisco Pereira Lopes, fez expedir, dirigidos aos presidentes das duas casas do Parlamento e aos srs. presidente do ministerio e ministro da Instrução, o seguinte telegrama:

Os paes dos alunos da Escola Primaria Superior de Aveiro, reunidos em sessão magna, saudam V. Ex.ª, manifestando o seu pezar pela apresentação do projecto de emenda do regulamento das mesmas escolas e pedem o alto valimento de V. Ex.ª para que sejam mantidos integralmente o artigo 8.º e alineas respectivas, a cujo abrigo matricularam seus filhos.

Muito bem

Um colega local pretende que a Câmara, por meio de bem aplicadas multas, ponha côbro á obtusa e damninha costumeira de se despejar para a via publica aguas que serviram para usos caseiros e outras porcarias que de certo modo possam deteriorar o pavimento das ruas, desagregando-o e escavando-o.

Muito bem. Mas nas ruas cujos predios não tenham quintal nem estejam construidos canos de esgoto, como hade isso ser?

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Reis*.

A isto, que não tem resposta, me respondeu na assembleia geral de 26 de novembro um advogado, por muitos titulos ilustre, que na assembleia não se esqueceu do conselho que havia dado e pretendia que o caso da venda era omisso nos Estatutos, e nos casos omissos competia á assembleia geral resolver livremente.

Por pouco, e sem querer, dizia a verdade. Realmente o caso da venda não está lá nos Estatutos. Nem de perto nem de longe se lhe referem. Mas não é omisso, não; é excluido, o que é diferente e importa obrigações. Não está lá, em primeiro lugar porque nunca aos fundadores da Caixa Economica passou pela mente que os que lhes sucedessem teriam tão pouco brio e uma tal obtusidade moral e intelectual que se lembrassem de pôr em leilão semelhante obra de nobre civismo; e depois porque, determinadas as obrigações dos socios, que são devedores e não crédores, e que nem sequer são senhores de se exonerarem das obrigações que contraíram quando lhes apetecer, determinadas essas obrigações, logicamente se achava excluido o direito de venda. Não pódem os socios deixar a sociedade quando lhes aprouver e não pódem passar a quem quizerem, nem gratuitamente, os seus encargos. E haviam de poder todos juntos fazer aquilo que cada um não póde fazer de per si, singularmente! A obrigação em qualquer caso é a mesma, sempre subsiste, quer um homem se proponha atraiçoa-la sósinho, quer para o mesmo fim consiga juntar acólitos bastantes e ainda que esses acólitos vão de bôa fé, levados apenas pela instancia e sugestão daqueles nos quais erradamente confiaram e supozeram uma rectidão e escrupulo que afinal se mostraram ilusorios.

Nesta altura, perdido o assalto por ofensa da legalidade e da justiça e honestidade, acode o jesuitismo, que tambem o ha de fraque e gravata, tentando cohonestar a violencia e o atropelo com umról de beneficios presentes e futuros. Diz ele, em beatas exortações, que a Caixa Economica deve findar, porque um dia a concorrencia dos nossos bancos a lançaria a terra e, findando agora, findava muito bem, com o chorudo produto da venda, salvando a Santa Casa da Misericordia que, segundo se diz, tem um hospital magnifico, o primeiro da provincia em Portugal, mas de todo carecido de recursos para se sustentar. Correi, piedosos socios da Caixa Economica, a aniquilar a vossa fortuna e a postergar a vossa honra para salvar a ruína em que a imprudencia alheia lançou um refugio da pobreza!...

E é um regalo ouvi-los, estes enternecidos missionarios!

Ora então vâmos ás contas. A Caixa Economica tem mais de 60 anos de existencia e de todos eles guarda as suas contas; atravessou grandes e terriveis crises. Pelo passado e pela vitalidade que nesse passado mostrou, podemos com segurança prevêr o futuro.

Deixemos os primeiros tempos da Caixa Economica, de 1858 e 1882, periode em que o seu desenvolvimento foi continuo, ininterrupto, mas lento. Atentemos só no tempo de mais largo vôo.

Em 1882 sofreu a Caixa Economica uma grande crise. Ameaçada de prejuizos relativamente avultados, imaginou-se no publico que ela não lhes resistiria; durante uma semana terrivel, os depositantes correram a levantar os depositos. A isso acudiu o zelo e bôa vontade de alguns socios, com tão grande claridade de entendimento como nobrêsa de intenção, percebendo de pronto, não só que a Caixa devia ser salva atravez de todas as contrariedades, mas tambem e principalmente que tinha forças de sobejo para se manter e prosperar. Eram menos timidos, esses homens, do que as cassandras de hoje. E o certo é que fizeram bom serviço, livrando a Caixa das contingencias em que ia naufragar e dando simultaneamente tal consciencia da sua robustez, que dessa época data o grande desenvolvimento da Caixa Economica de Aveiro.

Em 1883, ao liquidar da crise, ficavam os depositos em 112 contos e as letras e penhores somavam 101 contos. No periodo que vai de 1884 a 1898 já achamos as seguintes médias:

Depositos....	162 contos
Letras.......	146 »
Penhores	22 »

No periodo imediato, de 1899 a 1913, essas médias cresceram desta fórma:

Depositos....	252 contos
Letras.......	232 »
Penhores.....	52 »

isto é: cresceram em alguns capitulos muito mais de 50 p. c. e nos penhores passaram de dobrar!

Chegados os tempos modernos, os tempos de concorrencia, guerra e profundissimas perturbações sociais, para onde foram essas medidas, que foi feito desses sinais de uma prosperidade e de uma solidez que em 30 anos não conhecera quebra nem adversidade?!...

Nesses ultimos cinco anos temos:

Depositos	448 contos
Letras.........	379 »
Penhores.......	65 »

isto é: cresceu tanto em cinco anos como nos quinze anos anteriores.

Entretanto, o fundo de garantia que em 1883 era de 10 contos, passava a 32 em 1898, elevava-se a 53 em 1913, e está hoje em 64 contos—quer dizer, ha 35 anos o fundo de garantia representava apenas 6 p. c. dos depositos; hoje representa 13 p. c. Crescia o movimento e paralelamente multiplicavam-se as garantias dos capitais depositados. A arvore enraizou-se, e quanto mais cresceu mais robusta se mostrou. Parece que quanto maior é o temporal, melhor a Caixa Economica navega. Quanto mais aperta a concorrencia de outras casas bancarias, mais avulta o seu movimento e mais se firma a sua estabilidade.

Porque não tem atravessado só épocas brandas a Caixa Economica de Aveiro. Conheceu-as terriveis, como foram os anos de 1890 a 1893, cujas calamidades financeiras afrontou sem interromper nem por um instante a sua prosperidade. E tambem já sabe ha muito o que é a concorrencia; em 1890 abriu em Aveiro a Agencia do Banco de Portugal, cujos descontos e mais transacções comerciais somavam a bréve trecho muitas centenas de contos por ano. Entretanto, a Caixa Economica que tem a virtude demonstrada de participar da prosperidade alheia, seguia o seu caminho e multiplicava as transacções em proporções que antes desses tempos jámais conhecera.

A solidez da Caixa Economica e a sua capacidade para desafrontar vitoriosamente toda e qualquer situação economica, não é uma probabilidade ou uma conjectura: é um facto demonstrado em 60 anos de existencia. Todos o sabem; nem vale a pena insistir em semelhante cousa. Só não o vêem os que não querem vê-lo. Afrontou grandes crises economicas quando não era rica; muito melhor as afrontará agora que a sua fortuna cresceu e é avultada. E note-se, facto importantissimo: enquanto a Caixa Economica suportou todas essas crises e a concorrencia do Banco de Portugal, a diferença entre o juro do desconto e o juro do deposito era apenas de 1 p. c. Com isto viveu, cresceu e se salvou de todos os prejuisos, que tambem os tem tido, pois ainda não houve falencia importante em Aveiro, na qual a Caixa Economica não fosse tambem crédora, como era de esperar e lhe compete, ajudando eficaz e largamente a lavoura, a industria e o comercio da região, tal qual importa ás suas funções de propulsor economico que capazmente tem desempenhado e desempenha.

Continuando a fortuna da Caixa Economica a medrar como até agora, não tardará o tempo em que ela possa consumar o que deve ser uma das suas aspirações principais: dar aos depositantes um juro igual áquele por que fizer os descontos, bastando os haveres proprios para todos os encargos, incluindo o de fortalecer o fundo de amortisação e reserva. E' licito espera-lo; vai a caminho disso, e entretanto e desde já poderia e deveria interessar nos lucros os depositantes, dando-lhes, além do juro previamente fixado, uma percentagem variavel nos lucros que arrecadasse. Disto me convenceram as considerações que na assembleia geral de 26 de novembro tive o prazer de ouvir ao ex.^mo snr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, cuja superior ilustração é em toda a conjuntura um auxiliar precioso, embora a ignorancia a ache ociosa e superflua, como é logico, porque dificilmente compreendemos nos outros aquilo que em nós não achâmos.

Uma criança, porêm, ou qualquer adulto que de má fé não esteja, logo vê pela propria proposta de compra a situação prospera da Caixa Economica e a certêsa que tem de continuar com segurança a jornada. Pela compra do activo e passivo da Caixa Economica oferecem algumas dezenas de contos homens que sabem o valor do dinheiro e que tem dado exuberantes provas de que não ignoram como ele se administra e ganha; calculam que comprando assim fazem um negocio bom de cujos lucros futuros estão certos. Pois bem: logo a logica mais vulger dirá que, se esses homens praticos e sabedores dão esse dinheiro, é porque a Caixa Economica está rica e o vale, e que, se o negocio é bom para eles, pagando de entrada tão avultada soma, melhor será para aqueles que de igual fortuna estão já senhores e não tem a pagar nada para a possuir. Pois, claro está, que negocios misteriosos e miraculosos póde fazer um banco que a Caixa Economica não possa fazer tambem?!...

Especulações arriscadas, o jogo mercantil que anda tanto em moda, ruinoso como qualquer outro jogo e como qualquer outro moralmente abominavel?!... Mas foi exatamente para livrar dessas aventuras o capital dos trabalhadores que a Caixa economica se instituiu e vive. Porque a ambição da Caixa Economica é a honestidade e a segurança, não é a aventura e a usura. A Caixa Economica é um burrinho dos pobres, não é ginete de cortezias dos soberbos e muito menos cavalo de guerra de ambiciosos. Vai no seu caminho de obscuridade, modestia e dever; e não sabe nem quer saber, nem deve saber dar correrias dos conquistadores.

Mas, então, a Misericordia, a Misericordia que está ali á porta a pedir esmola?!... Não basta a Misericordia para fundar uma tirania destruidora de toda a caridade que não esteja sob o seu imediato imperio? Não será ela o dispenseiro unico de socorro e esmola dos que trabalham e dos necessitados?

Não ha associação de utilidade comum que mais mereça do que a Santa Casa da Misericordia. A designação tradicional de *santa* lhe imprime um caracter unico, para o qual todo o respeito é pouco e toda a devoção e carinho são escassos. Mas a Misericordia tem o seu logar proprio e limitado e, por mais pobre que ela seja, nunca poderá legitimar o atropelo ou sequer a invasão de outras instituições, igualmente honrosas, que por outros modos servem a sociedade.

A Caixa Economica de Aveiro foi criada para incitar o espirito de economia e proteger da usura as classes populares, e tambem, subsidiariamente, em segundo logar, para auxiliar com os seus lucros outras instituições de reconhecida utilidade publica. E uma e outra causa tem cumprido, começando até a dispôr de parte dos lucros para outras instituições no tempo em que era discutivel se ela o podia fazer sem preterição de reforço anual de garantias que devia aos depositantes. A Misericordia bem o sabe; desde que iniciou a construcção do novo hospital recebeu já da Caixa Economica perto de sete contos.

Se depois disso a Misericordia, na ância de mais possuir e absorver, pretendesse dissolver em seu proveito a Caixa Economica, representaria o papel infame que aos irmãos daquela confraria repugnaria—forçoso é fazer essa justiça á sua dignidade—representaria o papel de quem havendo recebido por afecto e tendo já gasto os aneis daquela que o protegia e constantemente o ajudava, por fim a estrangula para lhe roubar o cordão de ouro.

Encontrámos uma arvore magnifica plantada pelos nossos antepassados e agora chegada á plenitude dos frutos com que promete sustentar-nos por largos anos. Um vandalismo inqualificavel pretende derruba-la. Cumpre-nos guarda-la, se temos consciencia das responsabilidades herdadas. E' um dever.

E é isto e só isto o que me impõe instancias de que em qualquer outra hipotese e velhice me obrigaria a abster-me.

Eixo, 15 de Dezembro de 1919.

Jaime de Magalhães Lima

Notas mundanas

Efectuou-se na quarta-feira o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Luiza Soares da Silva Rocha, dilecta filha do snr. Francisco da Silva Rocha, com o bacharel em medicina, snr. Justino de Oliveira Soares.

O registo civil, que teve logar na residencia dos paes da noiva, foi seguido do acto religioso efectuado na igreja da freguesia de Esgueira, servindo de padrinhos, por parte da noiva, sua tia, a sr.ª D. Délia Soares Saporiti Machado e Sebastião de Lemos Magalhães Lima, e por parte do noivo, seu pae, Francisco Maria Simões e D. Gracinda Lopes da Silva Simões.

Os noivos possuem os mais elevados dotes de espirito e coração, motivo porque lhes estará, por certo, reservado um ridente futuro.

=== Tambem civilmente casou no dia 28 de dezembro com a gentil tricaninha, snr.ª D. Benedita Vieira, o sr. Augusto Decrook, empregado comercial.

Testemunharam o acto, por parte do noivo, o sr. Pompeu da Costa Pereira e sua esposa, a sr.ª D. Ernestina da Rocha Pereira, e por parte da noiva, seus tios, a sr.ª D. Rosa Vieira Cristo e José Gonçalves Gamelas.

Ao interessante par desejâmos um largo futuro repleto de felicidades.

COISAS DA ÉPOCA

O *Democrata*, unico jornal de Aveiro que tem tratado e debatido a momentosa questão do trespasse da Caixa Economica, franqueando, todavia, as suas colunas á inserção de todas as opiniões a tal respeito formuladas, reproduz noutro logar o parecer do sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, publicado em manifesto e particularmente distribuido por quantos se interessam pelo assunto, cada vez mais discutido.

Segundo corre, aparecerá em bréve, resposta aos argumentos aduzidos nesse documento, até que chegue o dia da decisão final, com as indispensaveis surprêsas que se estão preparando e devem ser a ultima palavra sobre a contenda.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Agradecimento

Alfredo Manso Preto, agradece penhoradissimo a todas as pessoas amigas e conhecidas, que por qualquer meio se interessaram pelas melhoras de sua filha, durante a sua gráve doença, da qual já se encontra restabelecida, e em especial ao ex.^mo sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, seu medico assistente, pela muita dedicação e carinho com que a tratou.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 1

Sendo esta a minha primeira correspondencia do novo ano de 1920, cumpre-me enviar a todos os leitores deste jornal, mas especialmente áqueles a quem interessam as noticias da Costa, incluindo os de longe, cordeaes bôas-festas e correspondentes felicidades no decurso da era que acaba de ter o seu inicio e que oxalá seja de paz entre a familia portuguêsa, ha tanto desavinda por falta de quem a guie com ponderação e criterio.

—— Dos festejos a S. Tomé perduram ainda recordações que dificilmente se apagarão devido á circunstancia de poucas vezes terem atingido tanto brilho como o que lhe imprimiram os antigos mordomos, que, manda a verdade dizer-se, capricharam em tudo que se propozeram levar a efeito.

O entremez, para o exito do qual muito concorreu a bôa disposição do grupo do Carregal, e sobre tudo do seu auxiliar, sr. José Joaquim de Oliveira, não ha duvida que teve a primazia da noitada. Tanto os rapazes como as raparigas se houveram por fórma que ainda hoje se ouve elogiar o seu trabalho, sendo por isso merecidissimos os aplausos com que os espectadores cobriram, no final da representação, quantos nela tomaram parte, desempenhando papeis ou concorrendo para o seu completo exito.

Da musica de Fermentelos tambem não ha senão que dizer bem. Entre as melhores peças do seu reportorio destacou-se, como tivemos ocasião de observar, a *Marcha de Jofre*, que foi ouvida com o maior agrado e extraordinario interesse.

Muito bem, muito bem, muito bem.

=== Deve inaugurar-se hoje, em Mamodeiro, um club recreativo, bela iniciativa de alguns rapazes dali.

No proximo numero nos ocuparemos dele.

C.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) . . .	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	4 »

Anuncios permanentes, contrato especial.